

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 24/10/16

## **Indicadores de eficiência e rentabilidade apontam declínio das operações**

Para Wolwacz, performance econômica fraca e política fiscal pesaram no resultado

Marcelo G. Ribeiro/jc

Análises mais complexas sobre a realidade das companhias brasileiras indicam que o impacto do atual contexto econômico é ainda mais severo quando analisado o todo das empresas listadas na BM&FBovespa. Segundo análises feitas pelo **Instituto Assaf**, 2015 foi um ano de resultados extremamente difíceis para as companhias de capital aberto.

O levantamento feito em relação ao ano passado, desconsiderando a atuação das empresas financeiras, verificou dados de 227 companhias. No total, foram reportados prejuízos líquidos consolidados equivalentes a R\$ 24 bilhões, para um total de vendas de R\$ 2,36 trilhões. A margem líquida, na média, foi de -1% contra 4,8% em 2014.

Para Alexandre Assaf Neto, pesquisador do Instituto Assaf, no melhor dos cenários, 2016 deve repetir o desempenho do ano passado. "O que eu vejo nas empresas é uma baixa capacidade de competitividade."

Na média, as empresas utilizam seus ativos (equipamentos) por 17 anos, sinaliza. Usar a mesma tecnologia por mais de uma década e meia coloca o País muito atrás dos que obtêm agregação tecnológica mais constante.

Outro aspecto que prejudica o desempenho das companhias é o baixo índice de crédito disponível. "Se pegar o balanço dos bancos, 35% dos ativos são crédito, quer dizer 65% estão com títulos do governo."

Para Assaf Neto, as condições macroeconômicas, sobretudo de juros elevados, inibem o investimento em ações, que tem se mostrado menos lucrativo do que nos títulos públicos, por exemplo.

Ao estimular o investidor a alocar recursos em títulos e não em ações de companhias inibe-se também o desenvolvimento das empresas, na produtividade. "Investimento em ações é o que gera riqueza", reforça. Outra crítica do pesquisador é que grande parte das empresas se viabilizou pelo subsídio do crédito, via Bndes, e não pela

qualificação dos ativos e investimentos. Complementa o cenário uma legislação fiscal e trabalhista desafiadora para as empresas. "O processo está amarrado por todos os lados e a eficiência é penalizada."

Para o trader Alexandre Wolwacz, o que pesou mais na competitividade brasileira no último ano foi a política fiscal e uma performance econômica fraca. O analista acrescenta que a economia mundial está ficando mais eficiente, com menores custos de produção. "Nós não temos mais do que quatro ou cinco empresas de produto tecnológico competitivo", reflete, colocando a Embraer como um dos melhores exemplos nesse sentido.

Em termos competitivos, as companhias americanas e asiáticas, mais alinhadas ao desenvolvimento tecnológico, é que saem na frente. "A Europa está há 10 anos sem produzir empresas bilionárias", demonstra Wolwacz.

Ainda assim, o analista lembra que o Brasil é um gigante, com um enorme mercado consumidor, que é o motor para fazer com que a economia evolua largamente. Corrigir todos os outros itens dessa grande engrenagem é que o desafio para os próximos anos.

País vive cenário de retrocesso para o ambiente de negócios

Na análise sobre a capacidade competitiva dos países, os dados estatísticos costumam ser mais pessimistas do que a percepção dos participantes nos países emergentes. Porém, essa característica não apareceu no Relatório Global de Competitividade 2016-17, demonstra o professor Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral. Isso porque a coleta das opiniões foi feita de março a maio de 2016, um período crítico para a opinião pública em que a instabilidade econômica e política estava no auge, sobretudo, por conta do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Há três fases pelas quais os países tradicionalmente passam na evolução competitiva. A primeira delas é quando as nações menos desenvolvidas se voltam para o básico, como alcançar um nível educacional bom, estabelecer um marco regulatório compatível e possuir infraestrutura básica. Entre os países mais ricos, o objetivo é atingir excelência empresarial e inovação. No meio termo está o alcance da eficiência, que é o fazer bem-feito.

"O Brasil vinha, historicamente, registrando deficiência no básico, o que é um atraso, porque já deveria ter superado questões como qualidade da infraestrutura básica, marco regulatório adequado (e não defasado como o atual) e maior eficiência de governo (com mais transparência e menos corrupção). Para um país com o tamanho e a

importância do Brasil, esses aspectos não deveriam ser o foco neste momento", avalia Arruda. O País possui características que destoam dos demais: embora tenha que superar deficiências estruturais, ainda consegue avançar, minimamente, em inovação. E foi justamente nesse aspecto que o Brasil mais regrediu no último estudo.

O caso brasileiro é "atípico", revela o pesquisado. "O Brasil é ruim no básico e melhor do que deveria ser no avançado, que é absorção de novas tecnologias. Este ano, perdeu capacidade de ter excelência empresarial e inovação. Esse talvez seja o fator que mais jogou o Brasil para baixo, porque o que compensava o básico fraco era a inovação alta. Como perdeu essa capacidade ficou muito fragilizado. Isso é sério."

Link da matéria:

[http://jcrs.uol.com.br/conteudo/2016/10/cadernos/empresas\\_e\\_negocios/524246-brasil-amarga-a-baixa-competitividade.html](http://jcrs.uol.com.br/conteudo/2016/10/cadernos/empresas_e_negocios/524246-brasil-amarga-a-baixa-competitividade.html)

---